

Ruy, Orador

JOSÉ DUARTE

NÃO necessitava Ruy, como os gregos, encontrar nos exercícios físicos continuados os recursos para opulentar as suas virtudes natas de orador. O próprio Demóstenes, conta-se, buscava formar a sua voz, fortificar os seus pulmões e corrigir os seus gestos. Ruy era natural, nada possuía de artificial, de calculado, de supérfluo, de fictício, de afetado.

A voz, com as suas inflexões melodiosas e o principal elemento de ação do orador, Ruy a tinha de excelente timbre. A entonação, o matiz, a gradação, eram-lhe peculiares ao órgão vocal. Ele se ufanaria daquela "voz sonora", que Cícero incluía entre os dons naturais do orador — *cum ipso homine nascuntur* — ou aquela música que fôra privilégio de Eschine, que declamando um discurso de Demóstenes, o seu rival, aplaudiram-no como se fôra o próprio autor pronunciando-o.

A sua pronúncia, já o salientamos, era clara, irrepreensível, articulação perfeita das palavras, não se lhe notando exagêro na predominância das vogais ou consoantes. Jamais negligenciou a lição dos grandes mestres de retórica, na exibição de seus recursos oratórios, na expansão de sua eloquência.

O gesto é de capital importância na declamação. Ele só imprime uma singular expressão à frase sublinhada, ao sentido das palavras, ao alcance das idéias, e exerce sobre a assistência um influxo decisivo. São Bernardo, registra um escritor, falava aos germanos em idioma que eles não compreendiam, mas os seus gestos levaram-nos às lágrimas, como se lhe houvessem entendido as palavras.

A superabundância dos oradores romanos, de gestos derramados, às vêzes histéricos, retirava à eloquência o ritmo, o tom de beleza clássica. A sobriedade dos gregos, fixara-lhes a celebridade.

Os gestos têm, às vêzes, a função de contraponto, reunindo, ligando, as partes melódicas do discurso. Prendem-se à sua graça, à sua naturalidade, à sua veemência, aos seus transportes, aos seus arpejos.

Cada orador tem, é certo, os seus gestos favoritos, intuitivos, característicos, como a sua própria postura. São condições mesmas de sua ação, de sua expressão verbal, do desenvolvimento do discurso. Ruy era de uma parcimônia notável e sua gesticulação adequada e discreta com marcas aristocráticas entrava na composição discursiva, na sua eloquência, como ornamento sóbrio e oportuno.

Tácito aconselhava mudar a forma e a fisionomia do discurso, de acôrdo com o tempo e a assistência. A história de eloquência comprova o acêrto de sua observação. Está isto, porém, dependente da psicologia do orador, que perscruta a alma, o frenesi, a impaciência, o gôsto, a capacidade de crítica, a tendência do auditório. É fora de dúvida que o gênero patético não se acomodaria bem a um comício político, como a veemência e as objurgatórias ficariam mal num ambiente acadêmico, numa tertúlia literária, que reclama três qualidades — *docere, delectare, movere*. A eloquência de Ruy sabia estar à altura do momento, do lugar e do tempo.

Ruy não carecia fazer o aprendizado ou buscar o esmêro, que um Bossuet procurava nos seus torneios, no Hotel Rambouillet, em Navers. Os seus exórdios tinham a magia de cativar o auditório, as narrações mantinham o interesse crescente dos ouvintes, a cadência conservava a atenção suspensa, as suas perorações eram seguramente um final de sinfonia, possuíam o magnetismo de eletrizar a assistência, mantê-la em êxtase ou em febril delírio e conquistar aplausos inenarráveis.

Ruy, na improvisação, era o mesmo orador irresistível, ático, impecável, exato e fulgurante. Poderiam as suas orações ser taquígrafadas, traduzidas e publicadas, sem passar pelo crivo de sua revisão, e como modelos magníficos de perfeição e alta escola.

Tínhamos a impressão de que ele mentalmente esboçava, esquematizava a sua alocação, dispunha, num relance prodigioso, os rumos de seu discurso, a seqüência de seus períodos que, como as citações, surgiam com uma propriedade, uma adequação, uma medida, uma correção, um ritmo, que indiciavam a prévia ordenação, o antecipado preparo. A memória incomparavelmente assombrosa de Ruy o auxiliava, de muito, nesse esboço da improvisação, o socorria proveitosamente no desenvolvimento dos temas, a que, por associação de idéias, se vinculariam outros assuntos sãbiamente utilizados.

Na improvisação equipara-se Ruy a um Berryer, a um Lacordaire. Solicitado no momento, surpreendido pela aclamação, Ruy era, inalteravelmente, o mesmo orador vigoroso, rico de imagens, cheio de deslumbramento, escoreito, olímpico, divino.

Governava-o a *fortuita et subita dictio*, e desencadeava-se a torrente, a erupção vulcânica; é a ilustração mais precisa, a nitidez dos conceitos, a correção da frase, a substância, a harmonia, a

lógica e tudo como se estivesse lendo — *dicit semper ex tempore, sea tanquam diu scripserit*. Não lhe escasseava, sequer, aquêlê "*fond de science*", de que nos fala Fenelon e que é tão imprescindível ao improvisador.

O que, porém, maravilhava, assombrava, em Ruy, tão pequeno e tão débil, eram o seu alteamento e a sua veemência quando o excitavam, nos seus famosos discursos políticos, que tinham a energia e a eloquência das catalinárias ou das filípicas. Êle trovejava. Transfigurava-se, tornava-se fabuloso, era um titã a destronar Júpiter. Revelava pulmões de aço, sólidos, resistentes — *illa majorem laterum* — voz de Stender, da "Iliada", força invencível de um Sansão da inteligência. Era um tomo de Bomponius Rufus, pela facilidade e pela veemência.

Nesses momentos, as suas sátiras se inspiravam em Juvenal e a sua grandeza se media pela de Tacitus. As suas invectivas eram temíveis, os seus epigramas os mais acerbos, as suas paráfrases geniais. Sardônico de rara estirpe, disseador habilíssimo, os fatos e os homens cediam ao pêso e à energia de sua palavra e de sua vibração oratória.

Santo Hilário fôra chamado, cremos que por Saint Beuve, o "Rodano da eloquência" e Loufroy o Loire, que não é o Rodano impetuoso. Ruy seria, então, o Amazonas caudaloso, a Paulo Afonso majestosa aureolada pela espuma branca do gênio, ou mais prôpriamente a cordilheira, donde brota êsse caudal imenso...

Ruy traçou com precisão o auto-retrato: "Eloquência é o privilégio divino da palavra na sua expressão mais fina, mais natural, mais bela. E' a evidência alada, a inspiração resplandecente, a convicção eletrizada, a verdade em erupção, em cachoeira, ou em oceano, com as suas transparências, as suas ondas, as surpresas do vento, os reflexos do céu e os descortinos do horizonte". Não o identificamos nessa formosa fotografia?

Os seus discursos pronunciados nas festas de seu jubileu, na Missa Campal e na Biblioteca Nacional, inimitáveis e divinas composições oratórias, são um reflexo genial de sua facúndia, têm o labor, o rendilhado, o capricho, a arte de jóias de sempiterna beleza, atingiram ao máximo de perfeição e aos extremos rigores da estética. Na língua portuguesa se não há produzido nada mais belo, mais rico, mais opulento, mais grandioso. Podem e devem figurar numa antologia universal como modelos de aticismo, de eloquência, de valimento literário, de majestade.

Na "Oração aos Moços", ficamos atônitos, porque custa compreender que pudessem a expressão verbal, o pensamento exteriorizado, a plasticidade da palavra humana, atingir a êsse grau de excelssitude, a essa sublimidade. E' uma pedraria ofuscante em que as côres, as cintilações, o cromatismo, têm palpitações siderais. E' um céu estrelejado, de azul suave e doce, abrangendo, na sua cúpula imensa, tôdas as belezas terrenas e semidivinas. "*Ily a l'hymne sonore toujours prêt à s'elancer de sa lévrière, et la parole étincelante*

comme une glaive du levite (Sainte Beuve). Eis o seu segrêdo nessa produção tão eloquente, quanto filosófica e moralista, assim patriótica, como otimista e cristãmente pura.

"*C'est une étoffe lustré qui chatoie et qui réfléchit au soleil toutes sortes de couleurs, sans en avoir une qui lui soit propre et dont le tissu peu serré laisse voir le jour ci travers*"? Não. Tudo lhe é próprio, pessoal, imanente: a côr, a luz, a música, o relêvo magistral, a simetria, a sensibilidade, a emoção, a alma, a poesia, a pureza intrínseca e a forma suprema. Sêneca, como orador de virtude, estaria inspirando essa oração modelar.

Eschine, lendo aos Rodianos um discurso de Demóstenes, após as aclamações inquiriu: "Que seria, então, se ouvissem o monstro, êle mesmo?" Aos que não o ouviram, mas o leram, em "Oração aos Moços", fariamos a mesma pergunta.

Ruy já proferiu êsses discursos na idade propecta, mas a sua vigorosa eloquência o reconduziu à sua mocidade longínqua. Não diferem muito êsses exemplares raros de sabedoria e de eloquência de outros que proferiu ainda moço, como aquêlê sôbre o Centenário do Marquês de Pombal, "que não fôra um homem, porém um ideal, uma antecipação do futuro". No gênero das orações literárias nada se poderia desejar de mais profundo, mais belo e mais brilhante.

Na tribuna judiciária Ruy manteve o mesmo realce e fama. O seu verbo de suma autoridade, a sua eloquência, estivera ao serviço do direito e da justiça, contra a ilegalidade e a prepotência. Poderia incluir-se entre os maiores modelos, como Plínio, que ainda jovem, como advogado, postulava perante quatro tribunais e contra os poderosos — *potentissimus civitatis*, e os amigos do imperador — *caesaris amicos* — discursando, às vezes, com a sua potente oratória seis horas seguidas e gabando-se de que defender a sua pátria era um feliz presságio.

As circunstâncias históricas o colocaram na mesma atitude e com os mesmos desígnios, filosofia e sentido cívico, de Cícero, tomando a defesa da pátria, da ordem, da verdade, da justiça, das instituições, da democracia.

Atribui-se-lhe, porém, mesmo na oratória o defeito da prolixidade, a demasia, a extensão dos períodos, a amplitude e desenvolvimento da argumentação. Mas, observemos que Ruy, sôbre ser, êle mesmo, profundo e exuberante, não estimava o superficial, era analítico, procurava ir ao cerne das questões, aflorar todos os aspectos, perquirir tôdas as causas, prever todos os efeitos, destruir tôdas as objeções. Sômente a mediocridade é obstáculo à expansão, ao dilatado, ao prolixo. Ruy tinha a preocupação de exaurir os assuntos e como possuía uma fecundidade espantosa e uma cultura vastíssima, era penetrante e intuitivo, teria de dar aos seus discursos, como aos seus escritos, uma sobejidão, uma largueza, que se lhe tornaram proverbiais, um modo de ser, como orador de nomeada.

Mas, a prolixidade não lhe era defeito, porque não o tornava fastidioso e inútil, não lhe retirava os atrativos, a sedução, o feitiço, o magnetismo que estavam na sua palavra. Ao invés, quanto mais se ouvia Ruy, mais se cobiçava ficar prêso aos seus lábios, à sua torrencial eloquência, ao seu fascínio oratório. Cuvia-se Ruy, durante horas, sem estafa, sem bocejos. Tinha a virtude dos bons vinhos que quanto mais se bebem, mais se desejam... Ruy não caía no trivial, não se fazia monótono, não se repetia fastidiosamente. Tem um ineditismo, uma nova coloração, uma forma singular de dizer, que nunca parece o mesmo.

Ele era a eloquência em turbilhão, em erupção... Não podia encerrá-la, comprimi-la numa síntese acanhada. Ele não falava, como não escrevia, para impressionar efêmeramente, com efeitos meramente teatrais, porém, para evangelizar, doutrinar, persuadir, analisar, combater, anatematizar. Fazia obra para a posteridade. "*Meritons que nos descendants tiennent compte de nous... notre travail notre soin, et notre respect de la posterité*".

Se lhe não abundasse a imaginação e domínio da língua, a riqueza vocabular, a ilustração, o espírito criador, o estetismo, a cultura, certamente não seria prolixo, sem cair no medíocre e no enfadonho.

As circunstâncias, o assunto, o auditório, o valor e o prestígio do orador, é que concedem e toleram mais generosidade no tempo, abundância e extensão, a fim de nada sacrificar à preocupação de ser breve. "Não é, com efeito, um discurso amputado, reduzido, porém, uma magnífica, vasta e sublime ampliação que se pode "*tenner, lancer éclairs, jeter partout le trou — et la confusion — Non enim amputate oratio et absicisa, sed lata, et magnifica, et excelsa tonat, fulgurat omnia denique perturbat ac miscet*".

Ruy tinha alguma coisa de Voltaire "que guardava o fogo sagrado da antiguidade, a universalidade dos conhecimentos, a pureza delicada, primorosa do gosto e a justeza de seu espírito, acima de todos os letrados que vieram depois". Amara o clássico e não se afeiçoou à moda, às exigências medíocres dos contemporâneos e ainda como Voltaire, teria sido "*l'un des derniers maitre du bon sens*".

Ruy, orador, vive e viverá sempre, dia a dia mais presente na memória dos homens impregnado, envolto nos seus discursos: desde que ele desapareceu de seus olhos. "*Vivit enim, vivet-que semper, atque etiam latius in memoria hominum et sermone versabitur, postquam ab oculis recessit*".

O triunfo supremo da vida ele o alcançou pela sua eloquência, que inicia o cortejo pomposo de suas glórias.

(Transcrito do "Jornal do Brasil" de 5-11-1949).

* *

*

"Creio no governo do povo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo pelo povo tem a base da sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do Tesouro constituíram sempre o mais reprodutivo emprêgo da riqueza pública". Ruy, *Discurso pronunciado no Senado Federal em sessão de 13 de outubro de 1896*, pág. 50.

* *

*

"Tôda a contribuição pública (tributo, impôsto, direito, ou taxa) há de resultar de uma lei. Nenhuma pode existir, senão por uma lei, que a estabeleça. Sem uma lei, que a autorize e limite, nenhuma se pode lançar ou arrecadar". Ruy, *A questão dos portos no Brasil*, 1919, pág. 69.

* *

*

"A diferença entre a retribuição de caráter privado, mero preço do serviço recebido, e a taxa remuneratória, ligada a serviços exercidos por funcionários ou concessionários do Estado, província, ou municipalidade, consiste em que as prestações pecuniárias desta segunda categoria supõem duas condições, que na outra não se realizam: a execução do serviço pela autoridade pública, ou pelos seus delegados legais, e a taxação, por ato soberano, de uma contribuição obrigatória pelo mesmo serviço". Ruy, *A questão dos portos no Brasil*, 1919, págs. 121-2.